



## O estatuto de misérias no grande sertão

Castilho Francisco Schneider  
Maria Lizete da Silva Schneider





**Número 10**  
**Colección Veracruz**

**O estatuto de misérias no grande sertão**

Castilho Francisco Schneider  
Maria Lizete da Silva Schneider





## Depósito Legal:

ISBN: 978-84-935859-5-2

Depósito Legal: PM-1968-2007

Ediciones de la Fundació Càtedra Iberoamericana  
Cra de Valldemossa, Km 7.5  
07122 Palma de Mallorca

© de la edició: Fundació Càtedra Iberoamericana





O presente artigo tem em vista demonstrar, através de algumas citações de Grande Sertão: Veredas, que Guimarães Rosa foi um artista e escritor engajado e comprometido com a denúncia das mazelas e injustiças de seu tempo, ao contrário do que parte da crítica contemporânea à publicação de suas obras tentava imputar ao escritor mineiro.

Além de inúmeras referências implícitas aos desmandos e à miséria desencadeados pelo coronelismo e pelo latifúndio sertanejo, Guimarães Rosa, ao longo de seu texto mais importante, refere-se, pelo menos umas trinta vezes, de forma explícita, à miséria, ao sofrimento do povo oprimido por um sistema agrário, educacional e sócio-cultural ultrapassado.

Por outro lado, convém sempre lembrar com Franklin de Oliveira que, por seu turno, cita Engels, de que na obra de arte “a mensagem revolucionária deve emergir da situação descrita, sem que a ela se faça referência explícita” (Oliveira, in Goutinho, 1997, p. 483). Não há, portanto, nem mesmo base teórica para afirmar que Rosa possa ser qualificado como autor desengajado.

Já na página oito de Grande Sertão: Veredas, o leitor de mediana atenção pode perceber a denúncia social:

“uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, e mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons...” (G.S.:V., 1986, p. 8).

Não há como negar que tal situação, buscada na realidade brasileira, está atrelada, num círculo vicioso de causa/conseqüência, às desigualdades e injustiças advindas da concentração da propriedade, à sujeição da maioria ao poder do forte: “... o senhor nem tem calo em coração para poder me escutar. ... O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias.” (G.S. V., 1986, p. 11).

João Adolfo Hansen, em sua tese de mestrado “O O A ficção de Literatura em Grande Sertão: Veredas”, também se manifesta sobre o engajamento da arte de Rosa:

“No mito de Rosa, a intensa e amorosa valorização dos loucos, dos débeis, das crianças, dos seres constituídos de exceção faz personagens os que, como um impensado, a cultura desclassifica como irrepresentáveis, pois irresponsáveis, sem competência para falar... (HANSEN, 2000, p. 65).

Para Hansen está claro que Grande Sertão: Veredas é uma ruptura na tradição literária brasileira, inclusive na medida em que vem a ser uma obra comprometida com a realidade extra-literária e o estudioso é explícito ao dizer que a obra rosiana é de conotação política em suas entrelinhas:

“... pela primeira vez, em Grande Sertão: Veredas falam as linguagens do mato, sem mediação de narrador ilustrado que, na ficção brasileira, sempre usurpou o lugar de fala do sertanejo, quando o constituiu como natureza, idílica ou decaída, como outro inalcançável ou a ser convertido, ou, ainda, como outro tristemente alienado nas garras do capital, nas belas sínteses ideais de Alencar, na tolice naturalista, na força comovente e espantosa de Euclides, na amargura pessimista deste admirável Graciliano. Na fala de Riobaldo, a velha dicotomia litoral/sertão... vai sendo deslocada: pois em sua fala o doutor ilustrado está emudecido...” (Idem, p. 191).

Na essência, Grande Sertão: Veredas constitui uma profunda alegoria da realidade brasileira e, como tal retrata, segundo Leonardo Arroyo, os “usos e costumes, tradições, mitos e lendas, hábitos e a linguagem” (Arroyo, 1984, p. 7) do sertanejo, o que imprime ao romance uma “profunda feição arcaizante, própria de população segregada pelo insulamento e pelo analfabetismo...” (idem, p. 7). Se a caracterização de tais aspectos sócio-culturais de um povo e de um texto literário, não o habilita como obra engajada, então não existe literatura engajada na América Latina.



Em Guimarães Rosa, tudo é alegórico, místico, trans-psíquico, feérico, mitológico, metafísico e profundamente humano. Porém, mesmo para um leitor de primeira viagem, que não esteja preparado ou nem mesmo queira orientar sua atenção para tais nuances artísticas e poéticas, será difícil negar o horror realista da cena em que um grupo de jagunços famintos “confundem” um homem nu com um bugio e o matam. O desespero da fome é tal que, mesmo após conhecerem a verdade, alguns comem da carne:

“ Com outros nossos padecimentos, os homens tramavam zuretados de fome – caça não achávamos – até que tomaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. Provei. Diadorim não chegou a provar. Por quanto – juro ao senhor – enquanto estavam ainda mais assando, e manducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves: Mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era criatura de Deus, que nu por falta de roupa... Foi assombro. A mulher, fincada de joelhos, invocava. Algum disse: - “Agora, que está bem falecido, se come o que alma não é, modo de não morrermos todos...” (G.S.: V., 1986, p. 42,43).

Coube a Franklin de Oliveira a tarefa de produzir o capítulo referente a Guimarães Rosa na monumental obra “ A Literatura no Brasil”, sob a direção do professor Afrânio Coutinho. A despeito de não identificar nominalmente os críticos de Rosa, Oliveira revela que, por ocasião da morte do escritor, “escreveu-se que, ao contrário da maioria dos grandes escritores contemporâneos, Guimarães Rosa era singularmente não engajado”. (Oliveira, in Coutinho, 1997, p. 482). O mesmo Oliveira ainda esclarece que tais críticos justificavam sua acusação de escritor alienado contra Rosa com base no fato de ele ter-se inspirado em Platão, em Plotino e nos filósofos do misticismo. Justamente para rebater essa argumentação injustificada é que Oliveira recorre à teorização de Engels sobre o papel do artista e da arte, conforme transcrição acima. Franklin de Oliveira conclui sua posição sobre essa questão dizendo que:

“Platão tem o grande mérito de pôr em evidência a unidade do problema moral e do problema político. ... um escritor formado ao influxo do pensamento de Platão ou de seus sucessores, Plotino e Porfírio, não pode ser um escritor desengajado”. (idem., p. 483).

É inconcebível que, em algum momento do passado ou de hoje, a crítica possa ter qualificado ou qualificar como não comprometido com a realidade social de seu país e seu tempo um escritor que põe a nu, com uma veemência dantesca, a pobreza, a miséria material e espiritual no grande sertão brasileiro, denunciando a falta de assistência à gente simples do interior:

“... num estalo de tempo, já tinham surgido vindo milhares desses, para pedir cura, os doentes condenados: lázaros de lepra, aleijados por horríveis formas, ferimentos, os cegos mais sem gestos, loucos acorrentados, idiotas, héticos e hidrópicos, de tudo: criaturas que fediam. ... E aquela gente gritava, exigiam saúde expedita... requeriam era sarar, não desejavam céu nenhum. ... O sertão está cheio desses: ... o estatuto de misérias e enfermidades” (G.S.: V., 1986, p. 47)

No contexto narrativo de Grande Sertão: Veredas, a terrível cena acima transcrita tem implicações dialéticas (Deus/Demo, Bem/Mal). Todavia, mesmo num nível de leitura superficial, independente, portanto, de suas conotações metafísicas, e para quem quiser ler as entrelinhas, o grito de denúncia das mazelas sociais aí está. Essas tristes lembranças de Riobaldo, diante do doutor-ouvinte, estão relacionadas às guerras jagunças, intestinas à realidade brasileira por décadas:

“Só quando se jornadaia de jagunço, no teso das marchas, praxe de ir em movimento, não se nota tanto: o estatuto de misérias e enfermidades. Guerra diverte - o demo acha” (Idem, p. 47).



Não há como desconhecer que essas décadas de jaguncismo nos sertões brasileiros foram, em grande parte, uma conseqüência direta de uma estrutura fundiária concentradora e ultrapassada, originária da distribuição das sesmarias.

Não obstante Riobaldo esteja lembrando para o doutor todo este imenso enredo de 538 páginas, na versão da Editora Nova Fronteira, com o objetivo de especulação metafísica e teosófica, a constatação da pobreza crônica no sertão marca forte presença ao longo da fala do ex-jagunço:

“Um jagunçando, nem vê, nem repara na pobreza de todos, cisco. O senhor sabe: tanta pobreza geral, gente no duro ou no desânimo. Pobre tem de ter um triste amor à honestidade. São árvores que pegam poeira. A gente às vezes ia por aí, ... tinindo e musicando de tão armados – e, vai, um sujeito magro, amarelado... vinha espremendo seu medo, farraposo: com um vintém azinhavrado no conco da mão, o homem queria comprar um punhado de mantimento; aquele era casado, pai de família faminta” (Idem, p. 58).

Se Rosa não conheceu toda essa miséria jagunçando pelo sertão, conheceu-a exercendo a medicina a domicílio, em lombo de cavalo, durante dois anos. Aliás, foram justamente sua sensibilidade de artista e a sensação de impotência diante de tantos mazeados que levaram Rosa a abandonar a carreira médica. Não era ainda o escritor a transformar em arte a dor alheia. Era o médico recém-formado, que poderia ter-se estabelecido em Belo-Horizonte com segurança e conforto, tratando dos achaques das classes privilegiadas, mas que, por escolha pessoal, quis iniciar a carreira no sertão de Itaguara, entre o povo simples e pobre que sequer podia pagar as consultas em espécie. O artista, contudo, já estava latente e desabrocharia mais tarde no extraordinário escritor, e engajado sim, intimamente comprometido em levar para sua obra artística a dor, o sofrimento e a completa relegação social daquela gente. Se essa obra não é literatura engajada, então a de Graciliano Ramos, de José Lins do Rego, de Jorge Amado e de todo o assim chamado “romance de trinta”, também não o são.

Já nos anos sessenta, Antônio Cândido assevera, com total pertinência, que Guimarães Rosa

“quis e conseguiu elaborar um universo autônomo, composto de realidades expressivas e humanas que se articulam em relações originais e harmoniosas, superando por milagre o poderoso lastro de realidade tenazmente observada, que é a sua plataforma” (Cândido, in Coutinho, 1991, p. 295).

No mesmo estudo, A. Cândido ainda observa:

“Há em Grande Sertão: Veredas, como n’Os Sertões, três elementos estruturais que apóiam a composição: a terra, o homem, a luta. Uma obsessiva presença física do meio: uma sociedade cuja pauta e destino dependem dele; como resultado o conflito entre os homens” (idem, p. 295)>

Conquanto Guimarães Rosa tenha sido funcionário público federal, em exercício como cônsul na Alemanha, durante a ditadura Vargas, nem por isso deixou de denunciar o servilismo politiquero, os desmandos das políticas locais, obviamente submissas às políticas estaduais e federal. Como criador e artista, claro, o escritor permite-se fazer uso da crítica social nas estrelinhas:

“Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política: tudo política, e potentes chefias.... cada lugar é só de um grande senhor, com sua família geral, seus jagunços mil” (G. S.: V., p. 94).

Para retratar em seu romance a realidade nua e crua, tão “tenazmente observada”, nas palavras de A. Cândido, Rosa viajou pelo sertão, acompanhando o transporte de boiadas, observando tudo que via e



ouvia, como antes dele já fizeram Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Euclides da Cunha e outros. Nessas viagens, o escritor entrou em contato com os miserabilíssimos catrumanos, mais atrasados do que qualquer tribo indígena, que ocupam um espaço considerável em Grande Sertão: Veredas. São esses mesmos “molambos de miséria” (G.S.:V., 1986, p. 336) que na década de 80, por ocasião das filmagens da minissérie Grande Sertão: Veredas, (cfe. Zero Hora de 01.02.1994), achavam que Getúlio Vargas ainda era presidente do Brasil e que, a qualquer momento, a coluna Prestes poderia voltar a aterrá-los..

“Os quantos homens, de estranho aspecto... quase que não possuíam o respeito de roupas:: ; de vestir. Um, aos menos trapos: nem bem só o esporte de uma tanga esfarrapada. ... o que acontecia era de serem só esses homens reperdidos sem salvação naquele recanto lontanho de mundo, groteiros dum sertão, os catrumanos daquelas brenhas”(G. S.: V., 1986, p. 336/337).

Ao entrarem em contato com esse povo abandonado às margens do mundo, os jagunços de Zé Bebelo e de Riobaldo se apresentam como vindos do Brasil:

“Ei, do Brasil, amigo! ... Vim departir alçada e foro: outra lei – em cada esconso, nas toesas deste sertão..” (idem, p. 349).

Como dizer, então, que seja desengajado um escritor que desvela em tantas páginas a brutal miséria sertaneja e brasileira? Além dos catrumanos há no Grande Sertão: Veredas o povo do Sucruíú que, em estado de miséria ainda mais profundo do que aqueles outros, estava sendo dizimado pela bexiga preta: “onde que estava arranchada a horrorosa doença, por cima da pior miséria”. (idem, p. 343). Diante daquela situação de extremo abandono, Riobaldo reflete, muitos anos depois, ao reviver aquelas cenas para o seu calado ouvinte:

“E por que era que há de haver no mundo tantas qualidades de pessoas - uns já finos de sentir e proceder, acomodados na vida, tão perto de outros, que nem sabem de seu querer, nem da razão bruta do que por necessidades fazem e desfazem. Por quê? ... Por castigos?” (idem, p. 42).

O que o leitor percebe senão a denúncia da infância abandonada na pobreza absoluta, ao deparar com o pretinho Guirigó?:

“Tão magro, trestreste, tão descriado, aquele menino já devia de ter prática de todos os sofrimentos. Olhos dele eram externados. ... Jagunço distraído, vendo um desses, do jeito, à primeira, era capaz de bondade de desfechar nele um tiro certo, pensando que padecia agonia, e carecesse dessa ajuda, por livração” (idem, p. 348).

Este menino Guirigó é apenas um dos casos de criança desamparada e, certamente, um espelho daquilo que tantas outras sofrem ao longo do enredo de Grande Sertão: Veredas. Logo nas primeiras páginas da obra, Riobaldo relata vários casos de crianças agredidas e maltratadas por familiares. No caso de Guirigó, todavia, o leitor depara-se com o sofrimento advindo da miséria coletiva do povinho do Sucruíú.

Mediante tantas carências sociais, desveladas ao longo do romance, não há como não perceber uma recomendação aos políticos e aos governantes nas palavras do excêntrico jagunço Zé Bebelo, com suas aspirações políticas, pois sonha um dia tornar-se deputado: “O que imponho é se educar e socorrer as infâncias deste sertão” (idem, p. 349).



---

Outra realidade brasileira e sertaneja, cujo desnudamento é exposto no romance de Rosa, é a exploração da mão-de-obra no meio rural. O somítico seô Habão caracteriza o clássico exemplo do coronel que mantém “seus” trabalhadores em estado de semi-escravidão:

“Disse que ia botar os do Sucruíú para o corte de cana e fazeção de rapadura. Ao que a rapadura havia de ser para vender para eles do Sucruíú, mesmo, que depois pagavam com trabalhos redobrados. De ouvir ele acrescentar assim, com a mesma voz, sem calor nenhum, deu em mim, de repente, foram umas nervosias. Ao que aqueles do Sucruíú, fossem juntas-de-bois em canga, criaturas de toda proteção apartadas” (idem, p. 365).

Grande Sertão: Veredas é, acima de tudo, uma obra transcendental, simbólico-alegórica e dialética, repleta de prosoemas e filosofemas, enfim, um imenso texto iniciático sobre o sentido da “travessias” da vida. Guimarães Rosa não poderia, pois, permanecer restrito à denúncia das misérias sociais particulares de seu vasto elenco de personagens. A miséria mais abrangente, inerente à condição humana, também está nas entrelinhas do texto de Rosa:

“Artezinha. Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com olhar remedindo a alegria e as misérias todas...” (idem, p. 508).

#### BIBLIOGRAFIA

ARROYO, Leonardo. A Cultura Popular em Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1984.

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Volume 5, Editora Global: São Paulo, 1997.

COUTINHO, Afrânio. Guimarães Rosa: Seleção de Textos. Coleção Fortuna Crítica. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1991.

HANSEN, João Adolfo. O O A ficção da Literatura em Grande Sertão: Veredas. Editora Hedra Ltda.: São Paulo, 2000.